

4ª PARTE

---

# Prosa de Ficção

## O amigo

*Toma um fósforo. Acende o teu cigarro!*  
*Augusto dos Anjos*

*José Murilo Martins*

Nunca esqueci o caso do senhor Ed North. Tinha estatura mediana, cabelos brancos, palidez moderada e, quando o vi pela primeira vez, apresentava sinais de emagrecimento recente. Trazia sempre consigo um cigarro aceso na mão direita.

Inclinado a me especializar em Pneumologia, decidi fazer meu último ano de residência no Hospital dos Veteranos em Independence, nos Estados Unidos. Localizado no topo de uma colina de onde se descortinava uma bela visão daquela pequena cidade, o hospital recebia uma quantidade fabulosa de veteranos de guerra americanos, principalmente os portadores de doenças do pulmão.

O inverno de 1960 fora extremamente rigoroso com um frio fora do comum. Nesse período, trabalhei feito mouro. Casos graves se sucederam um após o outro, mantendo-me ocupado e cheio de preocupações. A primavera começava a mudar tudo: o céu estava limpo, a neve, que até poucos dias inundava a cidade, desaparecera e os galhos secos das árvores começavam a adquirir vida nova. Naquela manhã de abril, o brilho do sol despertava em todos uma indescritível felicidade por estar vivo.

Apesar de me prometer inúmeras vezes não me envolver demais com os problemas de meus pacientes, há mais de uma semana estava intrigado com o desenrolar do caso de Ed North. E aquele não era um dia bom para mostrar o resultado dos seus exames complementares.

Tratava-se de um veterano da guerra do Pacífico, internado no hospital em decorrência de uma pneumonia. Estava doente há mais de seis meses, com falta de ar e inapetência. Inicialmente os médicos julgavam ser um caso psicológico, pois os sintomas surgiram dias após

sua casa de madeira e briques ter sido totalmente destruída por um tornado que atingira a zona sul da cidade.

- Foi terrível! – disse o doente ao médico – Quando o rádio anunciou o perigo da aproximação do tornado, abriguei-me no porão rezando para que minha casa não fosse atingida.

Mas o vento violento e destruidor não respeitou as súplicas de Ed North. Uma nuvem negra em forma de funil desceu à superfície da terra e o louco redemoinho destelhou casas, arrancou árvores, jogou carros à distância, levando tudo por onde passava numa fúria insana e devastadora.

Servi na Segunda Guerra Mundial como mecânico numa base aérea do Pacífico – concluiu, com uma voz embargada. - O barulho do tornado foi ensurdecador! Quando a minha casa foi despregada do chão e lançada aos ares, julguei estar de volta ao teatro da guerra: parecia que mais de mil aviões, com seus motores acelerados, estavam decolando ao mesmo tempo da base rumo à Guadacanal!

Desde então, passou a apresentar cansaço fácil e depressão, porém suas queixas atuais só surgiram seis meses após, quando a última nevasca daquele rigoroso inverno atingiu Independence. Passou a ter febre elevada, dor torácica, escarros sanguinolentos e grande comprometimento do estado geral. Foi internado no Hospital dos Veteranos e tratado imediatamente com antibióticos.

A resposta ao tratamento, ao contrário do que era esperado, fez-se de maneira lenta, arrastada, o que me deixou intrigado.

- Por que está demorando tanto a ficar bom? Por quê? O que haverá por trás dessa pneumonia?

Minhas dúvidas começaram a se dissipar quando o radiologista mostrou-me o aparecimento da sombra de um tumor atrás da lesão pneumônica em regressão.

- Um tumor? Câncer! – concluí – Agora todos os sintomas estão explicados. Só me resta ver o resultado da biópsia para confirmar o diagnóstico.

Concluída a revisão dos últimos exames, fui ver o senhor Ed North.

- Como está hoje, senhor North?
- Melhor – respondeu sem muita convicção.
- E a febre?
- Acho que passou.
- As dores nas costas?
- Sumiram.
- Ainda teve escarros com sangue?
- Voltei a botar sangue depois da broncoscopia realizada...

Ed North não concluiu a frase. Levantou o rosto e com os olhos incisivos questionou:

- Já saiu o resultado da biópsia, doutor? É câncer, não é?

Fiquei confuso e não respondi. O laudo do exame chegara naquela manhã confirmando o diagnóstico de carcinoma do pulmão. Estava nos Estados Unidos há muitos anos e ainda não me acostumara com a determinação dos americanos de dizerem friamente para os seus doentes que “estavam sofrendo de câncer”. Mas eu ainda não sabia que o silêncio era, muitas vezes, mais revelador da verdade do que duras palavras.

- Já desconfiava que meu caso era sério, - disse o paciente arrasado – esse emagrecimento, a falta de ar, a perda de peso.

Ed North baixou a vista, arriou os ombros e mergulhou num silêncio consternador. Minutos após levantou lentamente a cabeça e, com o cigarro quase queimando a ponta dos dedos, indagou:

- Foi o cigarro a causa do meu tumor?
- Tudo indica.
- O doutor já teve algum amigo?
- Amigo? – estranhei a pergunta tão fora de propósito para o momento – Já, já tive vários.

- Pois só tive dois! – e começou a monologar – Sabe, doutor, a doença faz a gente meditar muito e, curiosamente, mais sobre o passado que sobre o futuro! O meu primeiro amigo foi meu colega de turma, de Wichita. Servimos juntos na guerra do Pacífico, na mesma base aérea. Uma vez, ele salvou minha vida durante um bombardeio,

umentando ainda mais nossa amizade. Era um metralhador de uma B-29 e, um dia, após um raid no Japão, ele foi e não voltou.

Visivelmente emocionado, Ed North tirou novo cigarro do bolso e acendeu-o no que restava daquele que estava fumando. Deu uma tragada profunda seguida de curto acesso de tosse.

- O pós-guerra foi muito difícil para todos nós. Apesar de ter tido algum sucesso com minha loja de peças de carros, não consegui me relacionar bem com as pessoas e me livrar do pesadelo da guerra. Foi quando me afeiçoei a um velho companheiro: meu cigarro. Ele sempre estava presente quando eu mais necessitava e não me aborrecia com conversas fúteis. Fiel, foi por muitos anos meu companheiro das longas noites de solidão. Veja, doutor, a ironia do destino: o meu segundo e grande amigo acaba de me trair, ferindo-me mortalmente no pulmão!

Ao sair do quarto, ainda pude vislumbrar a silhueta do paciente sentado na cama, a cabeça fletida, o tórax recurvado, perdido em suas desilusões. O prognóstico era sombrio, o desenlace deveria ser breve. Mas dizem que um indivíduo nunca morre quando alguém ainda se lembra dele.